

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## APONTAMENTOS DE ETNOGRAFIA DA BEIRA-ALTA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1975 | Número: 85

---

### Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Apontamentos de Etnografia da Beira-Alta. *Revista de Guimarães*, 85 Jan.-Dez. 1975, p. 133-164.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Apontamentos de Etnografia da Beira-Alta

(Continuação da página 214 do vol. LXXXIV)

## III — A HIDRÁULICA AO SERVIÇO DOS «ESPANTALHOS»

Para os lados da Chamiceira, numa das estreitas e compridas leirapas cultivadas, semelhando fitas verdes estendidas, lá no fundo das encostas quasi a prumo, junto à margem pedregosa do Rio Teixeira, terrenos que pertencem ao Rebelo, da Poça-do-Monte, pai de uma certa Glória, morena de olhos travessos e risonhos, que enfeitam a rapaziada do «povo» e são a consunção da mãe — vi hoje um aparelho rústico, muito interessante. Tratava-se de um «espantalho» contra a bicharada brava e daninha, principalmente contra os coelhos e texugos, roedores insaciáveis de espigas de milho e das vagens rasteiras do feijão, que tantas canseiras dão a semear e a criar, naquela terra ingrata.

Essa invenção, chamada *malho*, (Fig. 8) usada na região, e que ninguém sabe quem descobriu, há tantos anos ali se aplica, desde tempos memoriais, é digna de uma descrição sumária:

Construída de madeira, consiste numa prancha oscilando num eixo horizontal, tendo numa das extremidades um martelo ou malho<sup>(42)</sup>, e na extremidade oposta um reservatório ou caixote de madeira, onde

---

<sup>(42)</sup> Por vezes este malho é de pedra, enleiado à extremidade da prancha, fazendo lembrar o encabamento de um martelo neolítico.

constantemente cai, de uma calcira, água abundíssima por aquelas vertentes. Uma vez o caixote cheio de água, pesa mais que o malho fixo à outra extremidade da prancha, e obriga-o assim a levantar. Quando o caixote baixa devido ao maior peso da água esta é despejada, em virtude da inclinação que a prancha toma. Uma vez o caixote esvasiado, o malho pesa mais, no lado oposto, e cai então, com violência, produzindo numa tábua horizontal, segura em qualquer fenda do muro (43).

Ouve-se então aquela pancada, seca e forte como um tiro, repetindo-se a espaços de tempo regular fazendo eco nas quebradas fundas e apertadas. É assim pela noite escura e morta, obriga as bichezas, alarmadas a sumirem-se nas suas tocas.

O desenho junto dispensa descrição mais detalhada da curiosa engenhoca, que tão bons serviços presta.

---

(43) Martins Sarmiento regista um espantalho de texto exactamente igual a este, que observou nas proximidades da Cadeia de Bagunte. (Vide *Ms. Inéditos*, Caderno 42, p. 112).

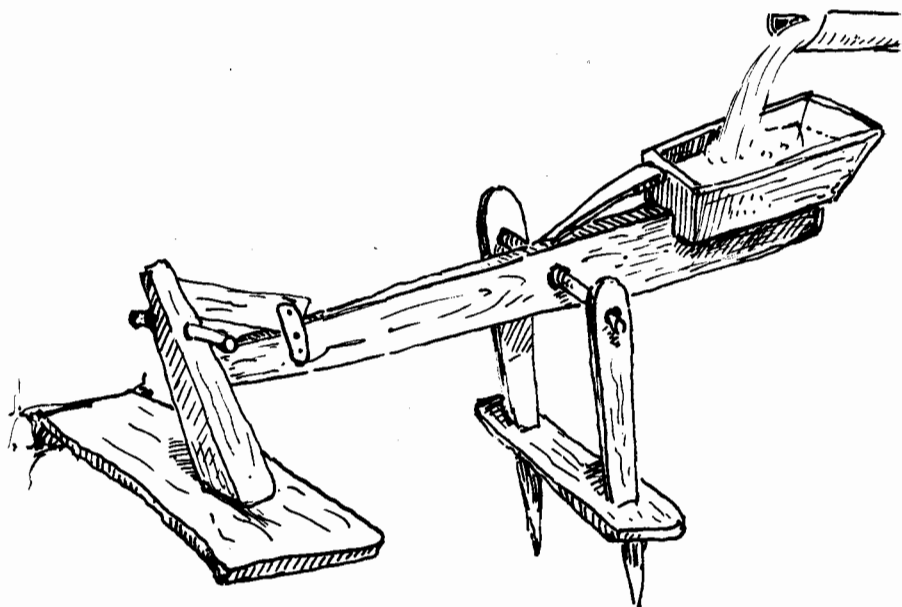


Fig. 8 — Malho para espantar coelbos e texugos, e outros roedares daninhos



Fig. 9 — Malho montado numa das leiras do Rebelo, da «Poça do Monte».

#### IV — UMA VEDAÇÃO SIMPLES E PRÁTICA

Hoje, ao passar no sítio chamado Fonte-da-Vaca, num outeirinho próximo ao «povo» da Sobrosa, deparei com o curioso portelo de vedação de uma bouça pertencente ao Antônio Coelho, um velhote rijo e bem disposto, com cerca de 80 anos, que ainda dá umas rizadas fortes e sádias, de rapaz; e, como já não pode trabalhar, passa os dias de verão, sentado, num altinho ao pé da casa, batendo, de quando em quando, num ferrancho velho, para espantar a passarada que ataca os milheirais. É uma espécie de inofensiva *D. A. A.* (defesa antiaérea).

O bom velhote avistou-me, e aproximando-se, quis saber quem eu era. Satisfiz-lhe a curiosidade, e não perdi o meu tempo nas explicações que lhe dei, pois logo mostrou vontade que eu entrasse na sua casa e provasse do seu vinho. É a insistência é tão expressiva, e a franqueza tão espontânea nesta boa gente, que ficam magoados se não aceitamos. Entrei na adega do Coelho: pequenina, baixa, aconchegada, escurinha e fresca. De um pequeno barril, tirou um grande copo de vinho, claro, levemente acidulado.

Enquanto o homem enchia o copo, deu-me na vista a torneira, metida a meio do tampo da vasilha, e não na parte inferior. Porquê?! mestre Coelho soltou logo a sua rizada característica e respondeu: — «Porque, quando a torneira não deitar vinho, sabe-se que o pipo está, pelo menos, em meio, e, daí por diante, vai-se tirando o vinho através de pequenos furos sucessivos praticados no tampo da vasilha, para o lado de baixo, e bebe-se com mais cautela, e parcimónia. É um aviso. Ao passo que se a torneira estivesse desde o princípio colocada na parte inferior do pipo, este encontrava-se vazio quando menos o suspeitássemos». Ora muito bem! Aqui está revelado um espírito de cauta previdência e economia,

amigo Coelho! E o velhote, satisfeito, acrescentava: «Mas pode V.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> beber à vontade, porque, mesmo assim, em minha casa o vinho chega para todos. Só nos falta cozinhar com ele!» E largou a rizadinha alegre.

Mas, voltemos ao tal portelo. (Fig. 10) O sistema da vedação era o das tranquetas de madeira, muito frequente nas portas e janelas das casas antigas: numa das ombreiras existe um buraco arredondado para entrar a extremidade da tranqueta, e na ombreira oposta, à altura correspondente, um rasgo em arco, praticado da parte superior para baixo, por onde desliza a outra extremidade da mesma tranqueta. Multiplique-se o número de tranquetas umas sobranceiras às outras, no mesmo plano vertical, e teremos o curioso tapume, ou simples vedação da bouça do amigo Coelho. Não podia inventar-se coisa mais simples, mais barata e mais prática. Mas também não podia conceber-se coisa mais rude, nem mais primitiva. O sistema de vedações revelado nas ruínas da Citânia de Briteiros, em que uma portada de tábuas dispensando dobradiças de ferro corria entre dois rasgos verticais, praticados nas respectivas ombreiras, já era mais perfeito do que o usado hoje pelo Coelho. E, todavia, a Citânia passou e morreu há mais de dois milénios; e a tapagem da Fonte-da-Vaca é dos nossos dias! Sim, é de hoje, mas vem, por certo, das profundezas de um passado e de uma tradição anterior à Cultura das Citânias minhotas, que o invasor romano civilizou em parte, mas, paralelamente, descharacterizou.

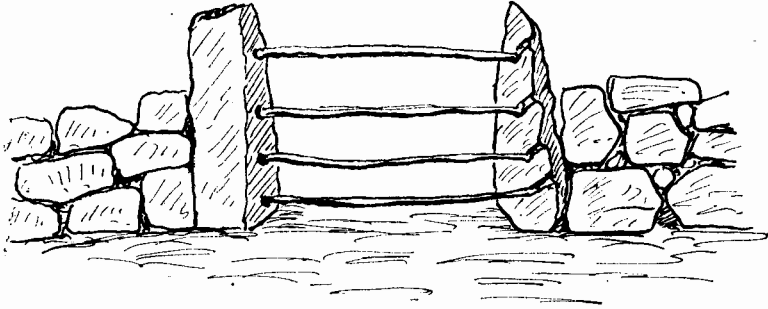


Fig. 10 — *Vedação da entrada de um terreno*



*Triturando cereais*

(Repetição de um traóalho milenário)



Fig. 11 — *A tia do Emídio, da Sobrosa, no ano da Graça de 1934.*

*Triturando cereais*

(Repetição de um trabalho milenário)



Fig. 12 — *Negra actual de Moçambique preparando a ufa (farinha)*

*(Segundo Santos Junior)*

*Triturando cereais*

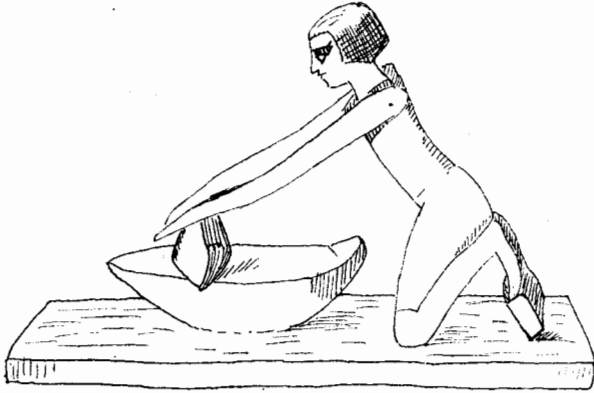


Fig. 13 — *Estatueta de Dabchur, da III Dinastia egípcia,*  
*(3 000 anos a. C.)*

*(Segundo De Morgan, Les origines de l'Égypte, I, p. 144,*  
*fig. 325)*

*Triturando cereais*

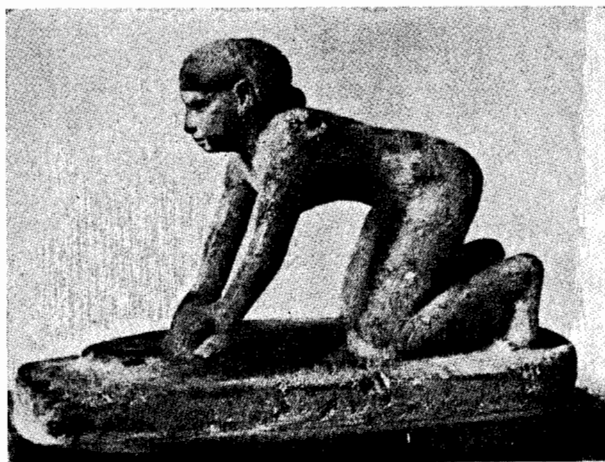


Fig. 14— *Escrava egípcia moendo cereal. Escultura do Antigo Império, (cerca de 2400 a. C.), pertencente ao Museu Arq. de Berlim. Altura, 41 cm.*

*(Vide Rev. «Das Altertum», Berlim, 1959, Vol. V, p. 1)*

## V — O «CAROLEIRO»

O Emídio é carpinteiro, aqui nosso vizinho, mas não como o vizinho de António Nobre, que era «algibebe de Dona Morte»; quando começo a minha digressão diária, pela manhãzinha fresca e límpida, passo-lhe à porta, e por vezes damos dois dedos de «cavaco». O assunto versa, quase sempre, sobre as distâncias e caminhos mais fáceis para os diversos píncaros que se avistam daqui, que ele conhece a palmo, e também sobre os povoados serranos que eu desejo visitar.

Hoje, deitando os olhos para o interior da sua pequena cozinha, negra do fumo, em cuja lareira ardia um bom fogo, denotando abundância de lenha, chamou-me a atenção uma pequena pedra, pousada sobre um banco, perto da masseira. O Emídio, percebendo a minha curiosidade, informou-me logo que aquilo era um *caroleiro*, (Fig. 11) e servia para triturar cereais.

Aproximo-me e, com a mais inesperada surpresa, quase com alvoroço, deparo com um triturador exactamente do mesmo tipo desses trituradores primitivos, (Fig. 13 e 14) de que nos falam todos os manuais de arqueologia pré-histórica, e, expostos por esses museus de todo o mundo, são datados daquela época perdida na névoa das idades longínquas, em que o homem começou pela primeira vez a praticar a agricultura, a colher os primeiros frutos da sementeira, e a moê-los grosseiramente, obtendo a farinha de que se havia de fabricar, um dia, esse alimento sagrado que se chama — o pão!

Pois Vocês, gente rude, povo ingénuo, apartado da civilização e do progresso, no tempo da moagem mecânica e dos ricaços moageiros, ainda não abandonaram o triturador, a primeira mó que o homem des-

cobriu, desde que a vida se espalhou pela face da terra?!... Para que serve, afinal, o *caroleiro*, mesmo aqui na serra, se vocês têm esse rio povoado de moinhos hidráulicos, primitivos também, sem dúvida, mas tão distantes dos trituradores neolíticos, como o fogacho de sinais; no alto dos castros assediados, está longe das comunicações pela telefonia sem fios, do nosso século?!...

«Essa, agora!» protesta o Emídio.» O *caroleiro*?! presta ainda hoje grandes serviços! Não há casa, no povo, que o não tenha. Nele se moem as *carolas*, milho esmagado que fica grosso como greiros de arroz, e, depois de lavado e cozinhado exactamente como o arroz, produz a *carolada*, petisco excelente, muito usado principalmente na ocasião da matança do porco. Carolas com febras de porco!...» e o Emídio piscou o olho e premiu com o polegar e indicador o lobo da orelha peluda.

O moinho vulgar não fabrica as carolas, mas somente, a farinha fina (farinha *morta*, lhe chamam aqui), e, dessa, apenas se fazem as *papas* ou o pão. As carolas só se obtêm assim, numa posição pouco cómoda, é certo, mas a mais eficaz, de joelhos, com o caroleiro na frente, e as duas mãos sobrepostas e bem apoiadas num pequeno seixo duro chamado *mosita*, que esmaga o milho contido numa cavidade longitudinal praticada no caroleiro, inclinado como um lavadouro. É então, é puchar-lhe com força, num movimento de vai-vém, como quem lava roupa. Por detrás da *mosita* vai-se deitando o milho, aos poucos, o qual escorrega greiro a greiro entre as duas pedras em atrito, saindo as carolas pela frente, e caindo na toalha de linho, alvo e áspero, que se teve o cuidado de estender para apanhar a moedura (Fig. 11).

O caroleiro serve também para moer outros cereais, o centeio por exemplo, ou para arranjar, à pressa, uma malga de farinha, como calha, para umas papas grosseiras, se a fornada demora tempo demasiado no moleiro e o pão falta na masseira.

Outras vezes até serve para moer um pouco de linhaça, para deitar sobre a barriga de um petiz, torcendo-se com dores porque foi às maçãs verdes, ou depenicou uns acidulados bagos de uva mal começados a pintar, ou tomou uma barrigada de amoras silvestres, negras como tinta e quentes da torreira do sol.

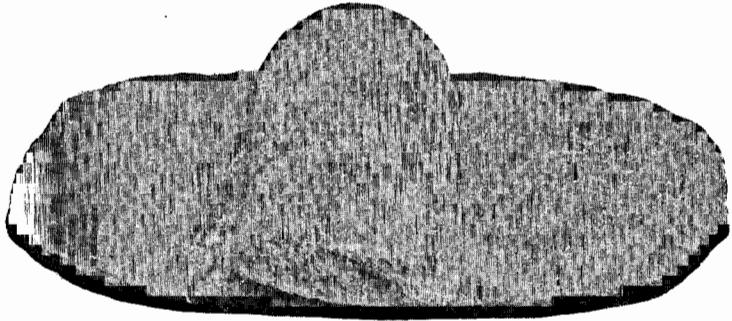


Fig. 15 — *Triturador neolítico*

(*Museu de Martins Sarmiento — Guimarães*)

Bendito caroleiro (44), tão prático, tão útil e tão pronto. E santa gente a deste povoado que, em pleno século xx, ainda não perdeu o fio dos usos tradicionais e, na vida doméstica, ainda aproveita esses instrumentos arcaicos, (Fig. 15) que, nas metrópoles modernas, mumificaram há muito, encerrados nas vitrines dos museus!

---

(44) Sobre mós e trituradores primitivos veja-se o que diz F. A. Pereira, no *Arqueólogo Português*, vol. VIII, p. 108. No mesmo volume a pág. 270, alusão à fig. 149 da Lam. IV (um triturador), do artigo de Marques da Costa, *Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal*. Ainda na mesma obra, vol. XXVII, p. 55, ler o importante artigo de Leite de Vasconcelos, *Mós de carácter primitivo*, que insere a principal bibliografia, entre a qual o artigo de L. Lindet, *Les origines du moulin à grains* (Rev. Archéologique, Paris 1899, p. 413 e 1900, p. 17), e os artigos de Santos Rocha, *Mobiliário neolítico disperso no Distrito de Leiria*, e de Rocha Peixoto, *Do emprego ainda recente de uma mó manual*, ambos publicados na «Portugalia», vol. I, respectivamente a p. 592 e 828. Finalmente leia-se o que a propósito de trituradores diz Alberto Sampaio, no seu estudo *A propriedade e cultura do Minho* (Est. históricos e económ., Porto, 1923, vol. I, p. 501) e Déchelette, no «Manuel de Arch.», Paris, 1924, tomo I, p. 344, *Les meules néolithiques*.

Os selvagens africanos trituram geralmente os cereais em almofarizes; mas conservam igualmente o uso do triturador de tradição neolítica (Vide Santos Júnior, *Relatório da Missão Antropológica à Africa do Sul e a Moçambique*, in «Trabalhos da Soc. Port. de Antrop. e Etnolog.», Porto, 1938, vol. VIII, Est. LII, fig. 73).



## VI — ESCALADA AO MONTE DA ESCADINHA

O Monte da Escadinha, (Fig 16) que se destaca lindamente dos outros, visto do páteo da casa onde moro há muito que me tentava. O ano passado andou lá o fogo no mato, por mais de quinze dias. A sua forma curiosa em telhado de quatro águas, com um espinhaço aguçado como um gume, e as quatro vertentes abruptas e duma inclinação muito igual, como que feitas para a neve escorregar, chamava-me a atenção. Não descansei enquanto o não fui escalar.

Fica longe. Mas engana, pois parece perto. Levou-me duas horas e meia a percorrer o caminho, em passo estugado, apegado ao varapau rijo de marmeleiro e na outra mão uma pequena Kodak. Para lá chegar, atravessa-se o rio, num precipício enorme, e, subindo a outra costa, passamos a um lugar que, pelo nome, é pouco convidativo — *Olheiro dos lobos*.

À maneira que nos aproximamos, a massa granítica da montanha formidável toma proporções grandiosas; acentuam-se e definem-se os fundões, os penedos recortam-se, negros, tismados de um sol de fornalha. Aqui e além, agarram-se às arestas e às fendas da rocha as moitas de carvalhos, os medronheiros, as giestas, a torga enorme. Um isolamento e um silêncio profundo envolvem a montanha, que se destaca entre as demais como uma nave ciclópica, de quilha para o ar, separada delas por íngremes ravinas, numa das quais nasce o Rio Teixeira, humilde fio de água a brilhar, lá no fundo.

Subo ao ponto mais alto! O prazer de subir! Espraio os olhos nos longes — o Caramulo, a Estrela esfumam-se na névoa! Dilato os pulmões e tonifico-os de ar puro, encho os olhos de luz e tonifico o espírito! Como sinto distantes, minúsculos micróbios, *virus* invi-

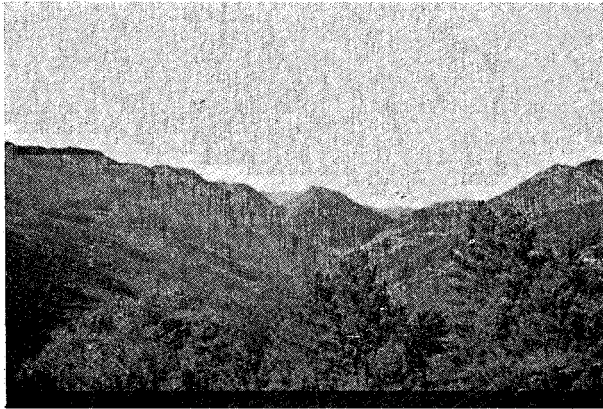


Fig. 16— O «Monte da Escadinha», a destacar-se  
na parte central

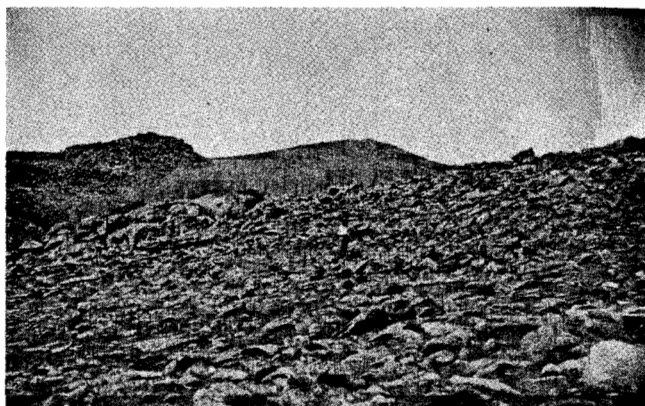


Fig. 17 — *Circulo litico, no cimo do «Monte da Escadinha».*

*(O homem marca o centro do circulo)*

sível, do alto destes cerros formidáveis — os homens, meus irmãos! Como sinto miserandas as suas paixões mesquinhas, suas lutas fratricidas, revoluções, guerras rivalidades, ódios, ambições, perante a grandeza solene da montanha, em ascensão para o céu!

Antes de iniciar a descida, tive a sorte de encontrar, num pequeno planalto, para a banda do norte, um monumento pré-histórico interessantíssimo: um círculo regular, de uns 10 metros de diâmetro, definido por grandes calhaus amontoados. (Fig. 17) Alicerces de habitação primitiva? Pelas suas grandes dimensões, não é provável. É mais de admitir um dos conhecidos círculos líticos — santuário ou monumento fúnebre. (45) Em qualquer caso, monumento pré-histórico, sem dúvida. O próprio nome de Monte da *Escadinha* me fez evocar o santuário de Panóias, com suas escadinhas talhadas na rocha viva. Porém, numa rápida volta que dei pelos principais agrupamentos de rochedos das vizinhanças deste círculo de pedras, não encontrei sombra de escadas que justificassem o nome do alto.

Como todos estes lugares são sugestivos! Que pena não chegarem até aqui os arqueólogos! Mas os sábios são, por vezes, comodistas, e poucos se artiscariam a sofrer, por amor da Ciência, este sol que sofri, por mera necessidade de exercício físico e distração, e me escaldou a pele dos braços nus e do pescoço, como se eu houvera caminhado de novo através da plaga africana, por onde se robusteceu a minha mocidade já distante!

---

(45) Vide F. Macineira, *Notable grupo de círculos líticos y túmulos dolménicos de la cuenca superior del Eume*, Separata de «Arquivos do Seminario d'Estudos Galegos, II, 1929.

## VII — UMA DIGRESSÃO AO «DEANTEIRO»

Uma mulherzita da Chamiceira informou-me que no «povo» chamado o Deanteiro, na margem direita do Rio Teixeira, ou Rio da Landeira, havia um penedo, todo furado por dentro e com *letras*. Fui lá sem demora. Afinal as letras, saíram-me uma espiral (Fig. 18).

Quando cheguei perguntei à primeira pessoa com quem deparei se conhecia ali alguns penedos com «letras», ou se sabia de alguma coisa do tempo dos «mouros». Respondeu-me, manifestamente surpreendida, que nada disso conhecia. Fui andando, e encontrei-me junto da capelita, muito pobre, da invocação de S. José.

Daí a pouco passou, num caminho perto, um homem a quem repeti a pergunta, acerca de notícias de coisas dos «mouros». Nada sabia. Mas, entretanto, acercou-se de nós um rapazito, que me disse conhecer umas lages com «letras» gravadas. O homem justificou a sua ignorância, em contraste com a sabedoria do garoto, dizendo que eles, os gaiatos, andavam todo o dia no monte com as *quichas* (cabras), e portanto não havia pedra que eles desconhecessem.

Para me mostrar o sítio das tais pedras com «letras», convidei o pequeno a acompanhar-me, com a promessa de alguns tostões. Veio logo. Chamava-se António, e teria os seus 13 para 14 anos. Pelo caminho, pedregoso e íngreme, foi falando sempre: Que no sítio onde havia uma das tais lages com «letras» chamado *Os pocinhos*, tinha aparecido, a uma pequena que passava por ali, uma creatura metade mulher, metade cobra, que estava em cima da lage a pentear-se com um pente de ouro! E então essa mulher, muito linda, começou a chamar a pequena, para que se aproximasse, mas a rapariga teve medo e fugiu para casa.

Também, segundo ouvira contar, ali passavam, há muitos anos, por aqueles montes ermos, dois burricos todos os dias, um carregado de ouro, outro de prata, mas nunca se soube o destino que levavam!



Fig. 18 — *Espiral gravada num penedo do Deanteiro, no sítio de «As Talas».*

Para os lados da *Landeira*, também ouvira dizer que, um dia, dois homens, acompanhados de um padre, foram desencantar um tesouro que havia num penedo; o padre levou o Livro de S. Cipriano, e principiou a ler, quando chegaram ao local. Nisto, o penedo abriu-se e apareceu dentro uma capela, onde havia muita riqueza acumulada, grades e arados de ouro, etc. Os companheiros do padre começaram logo tirando para fora as riquezas, enquanto o padre continuava lendo no Livro. Mas, a certa altura, o padre reparou que um deles tirava muitos cálices de ouro, pelo que, parando de ler, disse: «Alto lá! isso é para mim!» Mal suspendeu a leitura do Livro de S. Cipriano, no mesmo instante o penedo-capela se fechou de novo, ficando lá dentro, presos, os dois exploradores ciprianistas, companheiros do padre! Surgiram então na caverna rupestre dois carneiros chavelhudos, que começaram a marrar com bravura feroz nos dois homens presos! E enquanto eles gritavam aflitivamente, o padre implorava, cá de fora, que lhe soltassem os companheiros! Mas, em resposta, ouviu-se uma voz exclamando: «Entrega-me o que me pertence!» O padre recomeçou a ler o S. Cipriano, e o penedo abriu-se novamente, fugindo então, espavoridos, os dois homens que lá haviam ficado presos. E todas as riquezas que já tinham retirado, as tornaram a deitar para dentro do penedo. E o pequeno rematava a história afirmando que constava que todo aquele tesouro encantado havia de ir parar às mãos de um padre de Serrazes... que ainda estava por nascer! Interessante o diabo do garoto!<sup>(46)</sup>

Nisto, chegamos à primeira pedra das «letras». É uma vasta pedreira, constituída por lages horizontais, formando uma espécie de eira. Numa das pedras, voltada a sul, encontra-se uma espiral, que atrás mencionei (Fig. 18) de cerca de dois palmos de largo<sup>(47)</sup>:

(46) Martins Sarmiento cita uma variante desta lenda, dando-a como proveniente de S. Pedro do Sul (*Mss. Inéditos*, cad. 39, pág. 43). Nada escapou às investigações do sábio!

(47) São geralmente mais raros os petroglifos representando espirais do que círculos concêntricos. Leia-se o notável artigo de José Fortes, *La spirale préhistorique et autres signes gravés sur pierre* Separata da *Rev. Préhistorique*, Paris, 1906, n.º 10.

O sítio é chamado *As talas*. Perto, mostrou-me também o garoto uma pedra polida, que era, nem mais nem menos, um triturador do tipo neolítico, semelhante aos caroleiros adoptados, ainda hoje, no povo da região. Por isso mesmo, a sua antiguidade era duvidosa.

O outro penedo com sinais ficava um pouco mais a poente, no sítio do *Cuto Alto*, faldas de uma pequena elevação pedregosa chamada *Outeiro dos Lobos*. É uma lage voltada a sul, com sinais rupestres <sup>(48)</sup> que constituem certa raridade: são formados por dois círculos cortados pelo diâmetro; no meio dos dois, há um semi-círculo. (Fig. 19)

O rapazito levou-me ainda a ver o tal penedo da tapada de *Os pocinhos*, onde encontrei uma espiral (Fig. 20) semelhante à de *As talas*. (Fig. 18) Era ali mesmo, em cima daquele penedo, que constava ter aparecido a mulher-cobra, a pentear-se.

Por fim o meu cicerone guiou-me até o «penedo furado», (Fig. 21) a que aludira a informadora da Chamiçeira. De «letras» é que não havia vestígios nesse penedo, realmente interessante. O rapazito cabia lá dentro à vontade, e pude fotografá-lo através de uma abertura em forma de janela ou postigo, que dava para o exterior. Internamente as paredes da rocha estavam cheias de cavidades <sup>(49)</sup>.

A certa altura da excursão apareceu-nos um indivíduo, também morador no Deanteiro, chamado Custódio Almeida Santos, que me perguntou se eu andava

<sup>(48)</sup> Círculos cortados por um diâmetro aparecem também na mesa do dólmen de Barranc (Empolla, Catalunha (Vide Henri Breuil, *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique* Impr. de Lagny, 1935, tomo IV, p. 103, fig. 57), e no Outeiro do Galinheiro (Coqueril-Galiza), como regista Sobrino Bhuigas no *Corpus Petroglyphorum Gallaciae, Compostellae*, 1935, Tab. III.

Igualmente, as célebres pinturas do Cachão da Rapa apresentam círculos cortados pelo diâmetro (Vide Santos Júnior, *As Pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa*, in «Trabalhos da Soc. port. de Antropol. e Etnolog.», Porto, 1934, Vol. VI, gravura entre pp. 208 e 209).

<sup>(49)</sup> Notícia de um penedo lurado como este, mas sem janela, nos dá Girão. É a chamada *Casa dos Mouros*, próxima da povoação de Crescido (Cf. *Antiguidades de Lafões*, cit., p. 54). Lopes Garcia também nos dá notícia de uma *pedra furada* em Santa Tecla (Vide *La Citania de Santa Tecla*, cit., p. 87 e fig. 53 a p. 83).



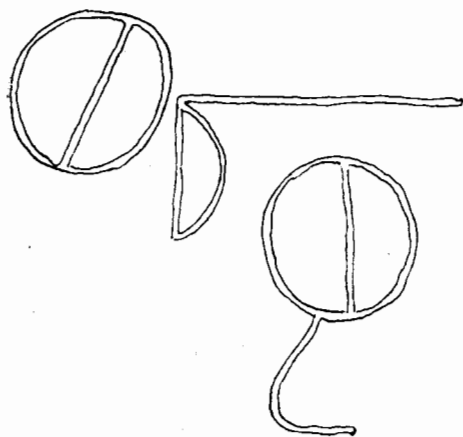


Fig. 19 — Gravuras rupestres do Cuto Alto



Fig. 20 — Espiral gravada num penedo, no sítio de «Os pocinhos».



Fig. 21 — O «Penedo furado», do Deanteiro

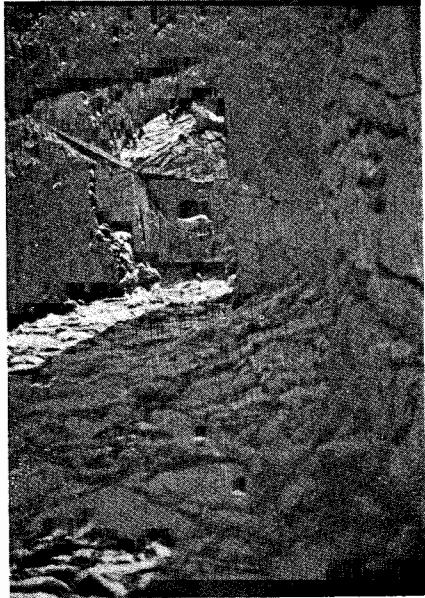


Fig. 22 — *Uma calçada típica, no Deanteiro*

à procura de minério, pois sabia onde existia muito, de cor escura, que talvez fosse estanho, para os lados do *Olheiro dos Lobos*, ainda distante dali<sup>(50)</sup>. Quando satisfiz a sua curiosidade dizendo-lhe que andava à cata não de riquezas para explorar, mas apenas de coisas do tempo dos «mouros», logo se ofereceu também para acompanhar-me, se eu quizesse, a um sítio lá longe, na serra, chamado *Alto do Menino Gago*, que confronta com as tapadas da *Cólheira* (Coelheira), onde havia muitas *rodas* (círculos) em pedra solta, que pareciam alicerces de casas redondas, acrescentando que um tal Gomes, de um lugar próximo, havia recolhido muitas coisas, louças antigas, pedras, etc., num terreno que lhe pertencia. Aceitei. Ficou de marcar o dia em que poderia acompanhar-me.

Perto do local onde nos encontrávamos, mostrou-me aquele homem, com surpresa minha, os destroços de um muro formando círculo, num diâmetro de 20 metros, talvez! Deu-me a impressão dos restos de um circuito muralhado, para defesa de meia dúzia de fogos, ou então seria um simples cercado para abrigo de gados. Mas com mais probabilidade tratar-se-ia de um pequeno castro. A sua pequenez não me surpreendeu, pois as actuais povoações serranas desta região, como a Chamicêira, Deanteiro, Chouzas, Gamual, etc. têm também uma quantidade de fogos extremamente limitada.

A impressão que me ficou de tudo quanto vi na digressão deste dia foi a de que estes vestígios de antiguidades são realmente muito primitivos. Parece que por aqui, na serra, pelo menos, não se fixou o Romano. E, estes restos do passado vem-nos, talvez intactos, das profundezas multi-centenárias dos primeiros tempos dos metais. Que interessante região para explorar com cuidado e vagar! Encontraríamos, talvez, aqui, os protótipos de uma civilização eneolítica local.

---

(50) O minério é abundante na região da Gralheira, especialmente o volfrâmio e o estanho. Em diversos pontos da serra são frequentes as explorações, mas em pequena escala, e, portanto de pequeno rendimento. Um ou outro explorador, movido pela sagrada fome do ouro, trata de conseguir o registo de certa área, compra umas ferramentas e uns sacos de pólvora, e, com alguns companheiros, inicia o trabalho, para dentro em pouco desistir, extraídos alguns quilos de volfrâmio, após um esforço pouco compensador.

## VIII — A «CERCA DOS MOUROS» NA LANDEIRA

Fui ontem à Landeira, para subir ao monte que lhe fica sobranceiro. Tinham-me dito que lá existia qualquer construção do tempo dos «mouros».

Quando cheguei ao «povo», procurei arranjar um rapazito que me acompanhasse. Não o consegui, mas prontificou-se a servir-me de guia o dono de uma pequena taberna que ali existe, onde me desedentei com uma água fresquíssima, quase gelada, e leve. Pelo caminho saltando como um gamo, de pedra em pedra, foi-me contando alguma coisa da sua vida: que tinha emigrado para o Brasil, estivera no Rio, etc., e agora tinha aquela logita, no povo, onde, durante dias e dias, ninguém comprava coisa alguma! Eram todos pobres, o dinheiro escaceava...

A certa altura, falamos de lobos, e o meu companheiro informou-me que o seu aparecimento por aqueles sítios era vulgar. Como eu estranhasse que alguns dos rapazitos que por ali se viam, naqueles ermos guardando rebanhos, não corresse o perigo de ser atacado pelas feras, disse-me que os lobos se atiravam de preferência às rêzes. Que, em pequeno, também guardara o gado, durante muitos anos, de manhã até a noite, pelos montes, e nunca lhe acontecera nada, se bem que algumas vezes avistasse os lobos. Um, em certa ocasião levou-lhe um carneiro, e como ele e outros rapazitos fizessem grande gritaria e o perseguissem à pedrada o lobo largou a rez que, já muito ferida no peito, ainda pôde fugir para o rebanho. Só então viu que era falsa a lenda de que uma rez atacada por um lobo o segue docilmente, ainda que ele a largue. Nada disso. Mas que os lobos não tinham faro, disse-me que era certo; e também ouvira dizer (mas não tinha a certeza...) que



Fig. 23 — *Restos da muralha desmoronada da «Cêrca dos Mouros»*



Fig. 24 — *A Landeira vista da «Cabeça do Muro».*

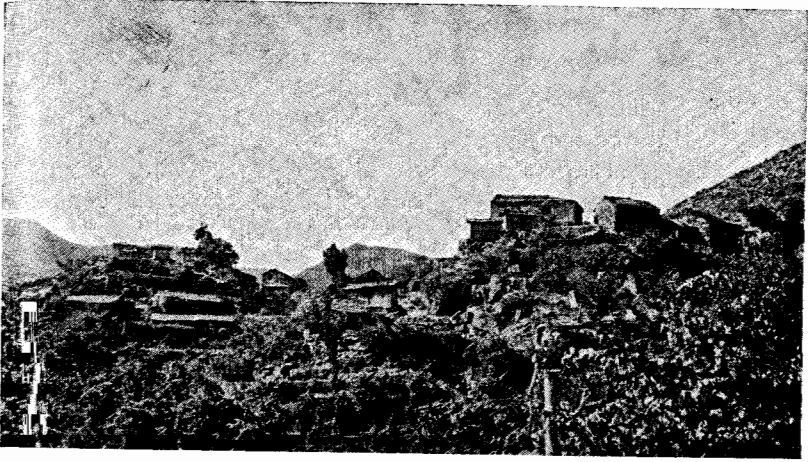


Fig. 25 — O «povo» da Landeira



o intestino deles era constituído por uma *tripa só* (!), o que fazia com que eles corressem mais velozes na subida do que a descer; porque, quando desciam, os excrementos corriam-lhe para a garganta e sufocavam-no!

E assim por diante...

Chegamos ao alto, bem a custo, pois a subida era íngreme e escavada. O monte chama-se *Cabeça do Muro*. Com grande surpresa deparei com as ruínas de uma fortíssima muralha desmoronada, que cercava o alto do cabeço, fechando um circuito oblongo, com o maior diâmetro no sentido N-S., tendo nessa direcção uns 150 metros, e, no diâmetro perpendicular a este, uns 80 metros.

O recinto também é conhecido pela *Cerca dos Mouros*. (Fig. 23) Era um castro poderoso, verdadeiro ninho de águias, dominando brutalmente as encostas escarpadas, cujo cimo ele coroava. Fotografei dois aspectos das muralhas.

Por mais que procurasse, não encontrei nenhuma lage com gravuras, contra o que seria de esperar. Apenas, em grande abundância, as tais cavidades eólicas. Não me pareceu, porém, que a sua origem fosse natural, antes quero crer que ali andou a mão do homem, muito embora, no decorrer do tempo, os agentes naturais, como a água da chuva empoçada, etc., contribuissem para alargar e aprofundar essas cavidades<sup>(51)</sup>. Dentro do circuito da muralha, havia alguns grupos de rochas; na terra, à superfície, nem o menor vestígio de alicerces de casas, nem um único fragmento de cerâmica. Nada. O tempo tudo dispersou e fez desaparecer completamente.

---

(51) Paul Choffat dá-nos uma explicação aceitável da formação dessas cavidades ou marmitas pelos agentes atmosféricos, especialmente a chuva e o vento. Nos calcários por dissolução, *Sur quelques cas d'érosion atmosphérique dans les granites du Minho*, in «Comunicações da Direcção dos Trabalhos Geológicos de Portugal», Lisboa, 1895-96, tomo III, fasc. I, p. 21). Torna-se, porém, necessário não confundir as marmitas com as pequenas *fossettes*, evidentemente praticadas pelo homem.

Sobre este assunto leia-se o artigo de A. Girão, no jornal *A Beira*, ano 1.º, n.º 34 de 25-3-923, intitulado «*Marmitas colianas na Serra da Estrela*», pelo Sr. Dr. Alberto Souto».

Estes muros, única coisa que resistiu aos séculos, apresentam um aspecto muito mais rude, muito mais primitivo que o dos castros minhotos, estes quase todos remontando à época lusitano-romana. Aqui, não. Tudo revela um ar indígena, do primitivo habitante daquelas paragens agrestes e remotas; as pedras da construção apresentam-se informes e brutas, aglomeradas, umas sobre as outras sem o menor talhe ou afeiçoado.

A tarde cai. Regresso. Pelas encostas ásperas, enormes rebanhos de cabras fazem tilintar campainhas e chocalhos, muito ao longe. O pastoreio é feito em comum. Chegados ao povoado os rebanhos fraccionam-se facilmente, procurando cada grupo de rezes o seu curral, como as abelhas o seu cortiço, sem que o pegureiro tenha o trabalho de apartar os animais, que aliás não diferenciaria. Interessante!

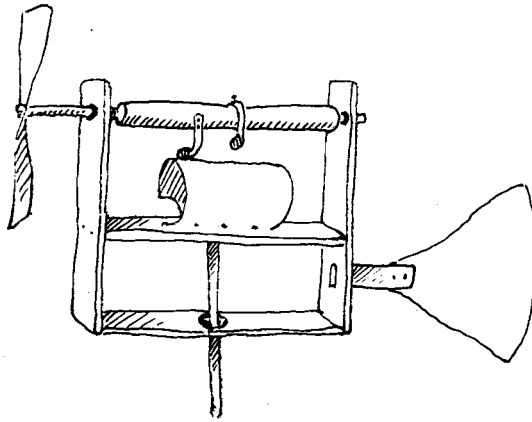


Fig. 26 — *Uma taramela espanta-pássaros*

## IX — TARAMELAS

Não há por aqui campo de milho, que o dono preze de ver protegido da voracidade das aves, que não ostente, no alto de uma árvore, a sua *taramela*, (Fig. 26) cuja descrição escrita a gravura junta faz dispensar.

São todas do mesmo tipo, e aqui, da janela do meu quarto, vejo eu uma, junto ao *barraco* (pequeno alpendre rústico coberto a colmo, para guardar palhas), do lado norte, que todo o santo dia tamborila numa lata velha de folha de Flandres.

A nota mais curiosa destes pequenos espantalhos da passarada inimiga, ou antes, *amiga* dos milheirais, é que, com seu leme cortando o vento, e sua hélice veloz (de 2 ou 4 pás), parecem inspirados nos elementos essenciais de um mecanismo de aviação. E, todavia, por certo que ainda o Padre Gusmão não tinha concebido a sua *passarola*, nem o Santos Dumont tinha inventado o seu primeiro aeroplano, e já o povo da Sobrosa usava estas impertinentes mas preciosas taramelas, que, no cimo das árvores, fazem lembrar pequeninas máquinas de voar, e a cujo ruído, estou certo, os próprios pássaros acabam por se habituar, sem temor.

## X — PASSEIO À VILA E TERMAS DE SÃO PEDRO DO SUL

Resolvi-me a dar hoje, de manhã cedo, um passeio à vila de São Pedro do Sul, que fica não muito longe daqui. Fui num carrito velho, mais ou menos desconjuntadas do eixo as duas rodas, alugado a um velhote destas bandas, por alcunha *O Trimbolím*, tão velho e desconjuntado como o seu carro de aluguer, seu ganha-pão. E lá fomos os dois, estrada abaixo, puxados a duas azémolas esqueléticas, aos gritos do bom homem: «hii, anda, hiii...» acompanhados de chicotada bravia nos pobres animais que, de tão habituados ao castigo e aos incitamentos do cocheiro, não saíam do mesmo trote travadinho e lento no mesmo chouto incomodativo.

Percorridos aqueles quilómetros (desde Santa Cruz da Trapa a São Pedro do Sul) lá chegamos enfim, por volta do meio-dia, debaixo de uma torreira de sol ardente a morder a pele e os ossos.

Apeei-me e, para desentorpecer as pernas, fui dar uma volta, a pé, pela vila, enquanto o velhote, à minha espera com a sua caranguejola, se encostou a uma sombra e tirou logo da caixa da carreta duas sacolas de serapilheira contendo palha trilhada e seca à mistura com uns greiros de milho, que enfiou nos focinhos de cada um dos bichos, enquanto ele próprio se meteu na primeira taberna que encontrou, para acudir ao catarro crónico com uns decilitros de vinho rascante e fresco.

São Pedro do Sul pareceu-me logo, à primeira impressão, uma vilazinha florescente, alegre e luminosa. Fica perto da margem direita do Vouga, o antigo *Vacua*. É servida por boas estradas e por caminhos de ferro que, vindos de Espinho e de Aveiro, entram na Serenada com a linha que segue para leste, chamada do Val do Vouga, por Oliveira de Frades, Vouzela e São Pedro

até Viseu. É São Pedro do Sul sede do concelho a que pertencem todas estas freguesias a que me venho referindo — Manhouce, Santa Cruz da Trapa, São Cristóvão de Lafões, Serrazes, etc.

Fica São Pedro do Sul a cerca de uns 20 quilómetros de Viseu, pouco mais ou menos.

É terra de antigas tradições de fidalguia, que já vem dos tempos medievos. Ali nasceram Baiões, Pinhos, Figueiredos, Amarais, FONSECAS, TAVARES, Correias de Oliveira e outros, que já vêm do sangue azul dos tempos afonsinos, de cuja linhagem descendia o grande Poeta António C. de Oliveira, nascido em 1879, em São Pedro. Na parte velha da vila, ainda hoje se vê na Rua Direita (52) o grandioso palacete dos marqueses de Reriz, o último dos quais há poucos anos falecido; por sinal, pessoa de distinta apresentação e educação, que ainda cheguei a conhecer, bom coleccionador e especialista em coisas de Arte, ele próprio de certo modo artista, pois desenhava com notável correcção, à vista de uns esboços sem volumes exagerados e com boa perspectiva paisagística que me chegou a mostrar, e que nada tinham do *picassianismo* modernista. Não era homem de muita idade, mas já podíamos considerá-lo individuo de outros tempos...

Não tem São Pedro do Sul grandes monumentos arquitectónicos em que mereça fixarmos a atenção. Apenas o antigo Convento da Sr.<sup>a</sup> da Conceição, parte do qual ocupado pela Câmara Municipal, restando também, ainda do mesmo mosteiro, a igreja e seu claustro. A uns três quilómetros da vila na direcção de Vouzela ficam as célebres e maravilhosas águas termais, o *balneum* de que já se serviam os Romanos, termas essas que de recuados tempos gozam da fama da cura de variadas doenças, entre as quais figura o reumatismo (53),

(52) As ruas *direitas* das povoações antigas são quase sempre as mais tortas. Chamam-se *direitas* (*directas*) porque conduziam mais directamente que as outras à parte mais importante da vila, que era geralmente a de cota mais elevada, onde assentava o castelo defensor da povoação, com sua torre de menagem.

(53) Ver Francisco da Fonseca Henriques, hydrologista que, na sua obra *Aquilegio Medicinal*, largamente se refere às propriedades salutaras das águas das Caldas de São Pedro do Sul.

de que se diz veio ali procurar alívio o próprio Dom Afonso Henriques, após ter partido uma das pernas, no impulso do combate contra os mouros, em Badajoz, em 1169. Ainda no balneário actual se conserva, como monumento nacional, a piscina de granito, (Fig. 27) a qual, dizem, era ocupada pelo Rei, que nela se banhava, na esperança de tratamento. Muito posteriormente, reza a história que outras pessoas-reais lá foram também tratar de seus males, como D. Manuel I e outros, havendo nos últimos tempos tomado o nome de Caldas da Rainha Dona Amélia.

Quando D. Afonso I, fez uso das Termas, que o povo ainda actualmente designa pelo nome de *O Banho* (54), parece que os seus achaques tiveram origem no seguinte facto histórico:

A rápida expulsão dos Mouros, da Península hispânica durante a Reconquista, de Norte para Sul, em grande parte se ficou devendo aos esforçados e impetuosos combatentes, que foram o nosso primeiro rei e seus homens de Armas, que iam libertando o território sucessivamente, de terra em terra.

Badajoz, na Estremadura espanhola, cidade então em poder dos mouros, foi atacada por Geraldo «O sem pavor», rico-homem, um dos «tenentes» (55) de Afonso Henriques, combatendo, com sua hoste, por iniciativa própria, embora ao serviço do Rei, conquistando assim

---

(54) «O Banho» é o nome popularmente usado no lugar. Anticamente o *Bálneo* (do lat. *balneum*, banho, ou lugar onde se tomam banhos; no nomin. do pl., *balnea*, banhos públicos). Próxima dos *balnea* situados na velha *Terra de Alafões* existira também possivelmente alguma «villa» lusitano-romana, no lugar onde se formaria uma aldeia de pastores, à qual na Idade Média, pela importância que tomou devido às suas águas minerais, Afonso Henriques concedeu foral com os respectivos privilégios para seus habitantes, quando esse rei por ali se demorou a convalescer do reumático.

(55) O título de «rico-homem» era dado pelo rei aos seus delegados escolhidos entre a nobreza, que por ele exerciam a jurisdição e o poder nas várias «Terras» de que o monarca se apoderava; Sobre este assunto ver Gama Barros, na parte referente ao título de «tenentes» (*tenens*), no vol. XI, pp. 46 e ss. da *História da Administração Pública em Portugal nos Séculos XII a XV*, 2.<sup>a</sup> ed., dirigida pelo Prof. Dr. Torquato de Sousa Soares.



Fig. 27 — *Piscina (monumento nacional) do Balneário de Alafões, que Dom Afonso Henriques utilizou no tratamento do seu reumatismo.*



terras e bens, de que o monarca se ia apoderando, em seu beneficio. Não levou a bem Fernando II de Leão e Castela que Afonso I de Portugal se apoderasse e recuperasse do poder dos árabes povoações, tomando-as para si próprio, mesmo quando elas estavam situadas em território espanhol, de Além Guadiana, e ainda porque Afonso Henriques e os homens ao seu serviço não usavam em seus combates as regras medievais de batalha e de Cavalaria, não atacando em campo aberto, frente ao inimigo, ao som das trombetas de guerra, mas sim de surpresa, como bandidos, aproveitando-se de noites tempestuosas e escuras, subindo em silêncio por escadas lançadas contras as muralhas dos castelos, como aconteceu em Santarém e noutras terras, assassinando as sentinelas surpreendidas em seus caminhos de ronda, ou menos vigilantes em seus postos, e entrando seguidamente, de roldão, nas cidades, passavam a fio de espada as populações indefensas e desprevenidas, dominando e afogando em rios de sangue os habitantes — homens, mulheres e crianças, indistintamente.

Contudo na pretendida tomada de Badajoz, os árabes, refugiados na alcáçova, foram socorridos e reforçados pelos seus irmãos instalados no Andaluz, associando-se a eles, Fernando II de Leão, indignado e irritado com estes processos de ataque de Afonso Henriques, e aproveitando a ocasião para quebrar o orgulho e ousadia do conquistador Rei de Portugal, que, aliás, anteriormente, já lhe havia dado em casamento uma filha, talvez até com a intenção de captar a simpatia do monarca de Leão e de o iludir em seus verdadeiros projectos militares e políticos. O certo é que, reforçados os mouros de Badajoz com as tropas que acudiram em seu auxilio, os portugueses não se aguentaram e bateram em retirada. Afonso Henriques havendo accorrido em reforço das tropas comandadas por Geraldo Galdes, tão precipitadamente pretendeu entrar por uma das portas da muralha de Badajoz, cavalgando à desfilada e rédea solta, que batendo nela com um dos joelhos, destribou-se e caiu da montada, desmaiando com a dor e sendo então feito prisioneiro de Fernando II, seu genro.

Algum tempo depois foi libertado e solto, talvez por intervenção de sua filha, esposa de Fernando, sob

promessa de restituição ao reino de Leão das terras conquistadas em território espanhol. Ficou então Afonso Henriques fisicamente inutilizado devido à fractura do joelho, como também moralmente abatido com o declinar da sua, até então, boa estrela de batalhador. Começou nessa altura a procurar tratamento nas Termas de S. Pedro do Sul, ou *Caldas de Alafões* (na designação popular), onde se instalou. Ainda ali, no balneário moderno, se conserva, como monumento nacional, a velha piscina de pedra, onde, dizem, se banhava o rei decrépito e doente (56).

Acabado o passeio e trepando novamente para a carripana, voltámos, pela tardinha, a Santa Cruz da Trapa, fartos de suportar os sorrisos irónicos e trocistas das pessoas que, em São Pedro do Sul, assomavam às portas das lojas de comércio, curiosas de verem passar a carroça mais desengonçada, que jámais tinham visto, transportando um turista desconhecido na vila.

Para cúmulo da *tragédia*, ainda tivemos que fazer, a pé, a caminhada de Santa Cruz à Sobrosa, pois essa parte do trajecto não era possível a carros de burros. Logo que cheguei procurei a cama, para me estender ao comprido, estafado e dando ao diabo o passeio.

Já me esquecia de recordar que, entre Santa Cruz da Trapa e São Pedro do Sul fizemos um pequeno alto, para que eu visse, um pouco mais de perto, o solar do grande condado de Beirós (57). (Fig. 28) Que lástima! Ver-se um casarão tão importante, ostentando sobre a porta da

(56) A chamada «piscina de D. Afonso Henriques», é considerada *Mon. Nac.*, por D.º n.º 28.536 de 22 de Março de 1930 (Ver «Catálogo dos Monumentos Nacionais», editado no Port. pela D. G. dos Edif. e Mon. Nac., em 1941, pág. 63.

(57) Transcrevemos da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», Lisboa e Rio de Janeiro, vol. IV, p. 449: «*Condes de Beirós*. Foi 1.º conde e 1.º visconde do título, António Tristão Correia de Lacerda e Lebrim, grande proprietário em Sever de Vouga e influente eleitoral. Foi D. Luís I que, em 1886 (22 de Junho), lhe concedeu o título de visconde em sua vida e em 1887 (25 de Maio, elevou-o a conde do título, em sua vida. Faleceu em 1917 sem geração, do seu casamento com D. Maria Cândida Teles Pacheco, filha dos 1.ºs viscondes da Aguieira.»

Este Conde de Beirós adoptou umas sobrinhas, que ficaram órfãs de pai e mãe, à mais velha das quais deixou a Casa de Beirós, agora desabitada e arruinada.

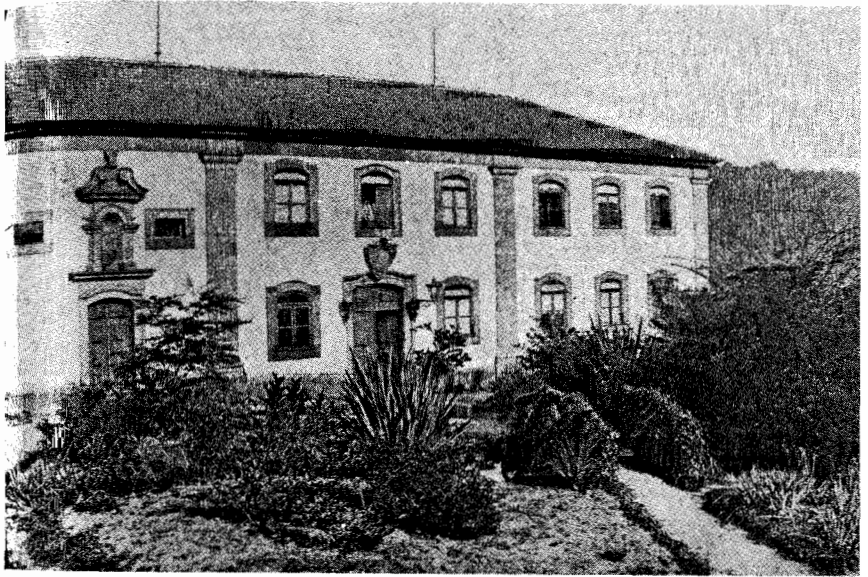


Fig. 28 — *Entrada nobre da Casa do Condado de Beirós*

entrada seu braço de Armas, mas vazio de habitantes e completamente arruinado, vidraças e caixilharia partidas, soalhos e portas a ruírem de caruncho, palacete onde outrora se teriam dado talvez festas sumptuosas e agora só habitado por sombras, por fantasmas...

É assim: os velhos aristocratas gastavam demasiado o muito que possuíam e geralmente administravam mal seus rendimentos agrícolas, acabando quase sempre por ficarem na miséria, como em Guimarães sucedeu a muitos fidalgos, entre os quais, por exemplo, o antigo e conhecido «Fidalgo do Toural», que findou seus dias vivendo às sopas de um dos seus numerosos rendeiros.

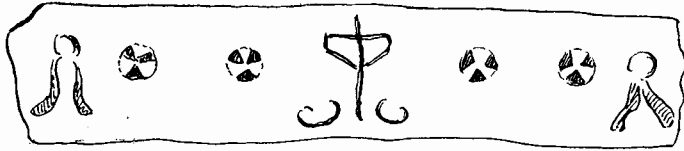
## XI — ORNAMENTAÇÃO SIMBÓLICA(?)

Na velha Casa onde estou passando estas férias, que voam céleres, vejo nas padieiras das portas de uma antiga adega e lagar, hoje transformadas em cortes de gado, os sinais do n.º 1 da fig. 29. Na porta da loja do lagar actual há também a decoração do n.º 2.

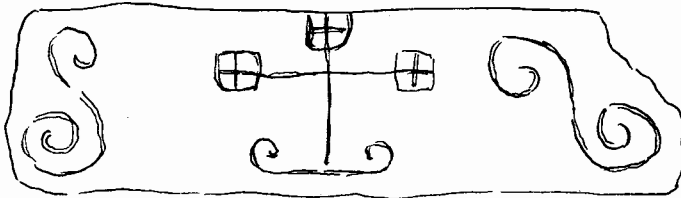
São as únicas portas da casa cujas padieiras houve o cuidado de ornamentar. Isto me faz admitir a hipótese de que tais desenhos tenham um carácter simbólico, e as cruzes que neles se vêem representadas sirvam de protecção ao fabrico e conservação do vinho, como as que se fazem nas pequenas tampas dos fornos protegem a boa cozedura do pão.

Na padieira do portal (ou *porteira*, como aqui dizem) da Quinta de Cima, também pertencente à mesma Casa da Sobrosa, a data de 1750 está enquadrada em duas volutas e encimada por uma cruz (n.º 3). E na ombreira direita do mesmo portal existe a (n.º 4) que julgo igualmente ligada a qualquer simbolismo.

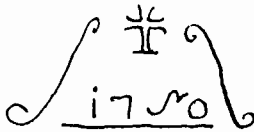
Estas ornamentações têm um aspecto arcaico, principalmente as da fig. 1 e 4, apesar de o Casal a que pertencem as dependências onde se encontram tais desenhos, não atingir sequer os dois séculos. É que o lavrante rústico possuía então, e possui ainda hoje, o mesmo sentido decorativo daquele que viveu há vinte séculos. No isolamento do seu âmbito não imperaram ainda novas sugestões estéticas.



1



2



3



4

Fig. 29 — Ornamentações simbólicas (?)

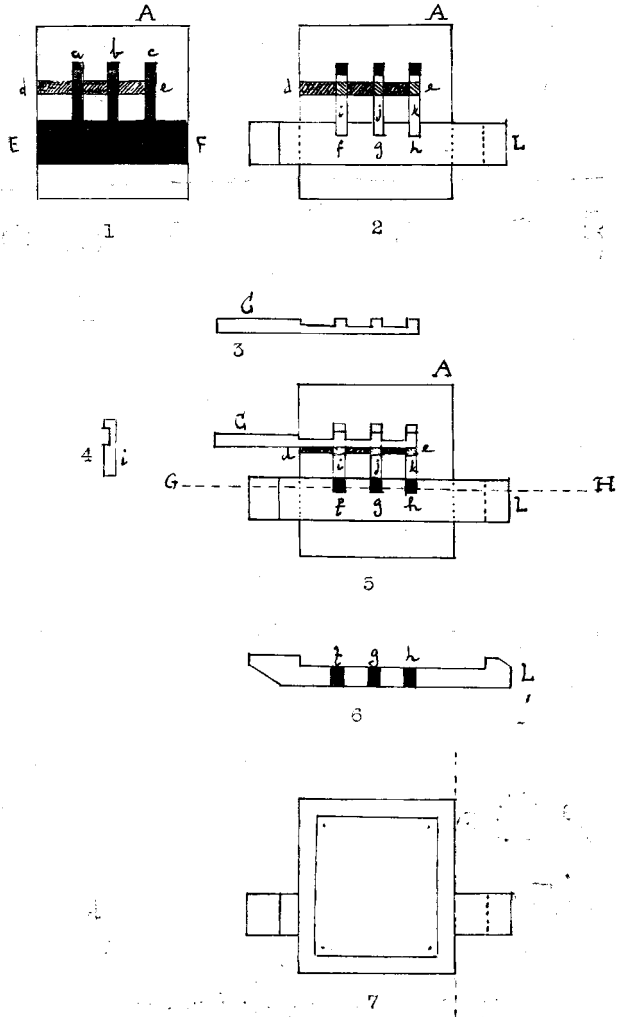


Fig. 30 — *Fechadura de madeira.*

1) Parte da fechadura, sem os fechos nem a língua 2) Fechadura com a língua presa; fechos caídos pelo seu próprio peso nos entalhes *f, g, h* da língua *L*. 3) Chave. 4) Fecho. 5) A chave *C* metida no entalhe *d e*, empurrando os fechos contra a parte superior, a fim de permitirem que a língua fique livre e possa deslizar no sentido horizontal, da direita para a esquerda. 6) Um corte da língua segundo a linha *G H* 7) Aspecto exterior da fechadura com a língua na respectiva posição de fechada

## XII — FECHADURAS DE MADEIRA

É de uso frequente na Sobrosa, principalmente nas portas dos palheiros e currais, a colocação de uma fechadura de madeira, incluindo a própria chave, espécie de cravelho de segredo, que tem seu quê de curioso, e julgo digno de registo. O Emídio carpinteiro fez-me uma para eu poder observar o mecanismo do seu funcionamento. (Fig. 30)

Consta a fechadura (vide figura junta) de uma parte central rectangular, ou chapim de madeira *A*, onde está praticado o enralhe *EF*, para ali girar horizontalmente a língua *L*; perpendicularmente a este entalhe abrem-se três outros entalhes mais estreitos *a*, *b*, *c*, onde correm os fechos *i*, *j*, *k*, accionados para a parte inferior pelo seu próprio peso, immobilizando assim a língua *L*; e, para a parte superior, são erguidos por meio dos dentes da chave *C*, que entra lateralmente no entalhe *d*, *e*.

A observação do desenho junto dispensará mais explicações sobre o mecanismo deste cravelho ou fechadura de madeira, que, apesar da sua extrema simplicidade, não deixa de ser engenhoso e difícil de abrir sem o auxílio da respectiva chave.

Poderemos até dizer que está aqui, nas suas linhas gerais, a teoria das famosas fechaduras Yale, arrelia e quebra-cabeças dos violadores de portas e gavetas, pelo menos os mais inhabeis...

O mecanismo destas fechaduras de madeira é de pura tradição romana (58).

---

(58) Vide Cagnat, *Manuel d'Arch. romaine*, Paris 1920, t. II, p. 421, fig. 618, «Mécanisme de serrure». Sobre chaves romanas ver o mesmo volume a p. 423 (*Clavis*), e também o *Arqueólogo Português*, vols. IV, pág. 280 e 288, fig. I e XXII, p. 341 e fig. 6.



### XIII — MODERNOS TROGLODITAS

No caminho para a Igreja da freguesia de Valadares, junto à casa do Manuel das Matosas há, num corte de terreno de saibro rijo, duas amplas cavernas escavadas. Numa delas via-se palha abrigada e um carro de bois; a outra, com um tapamento de tabique à entrada, servia de curral a dois porquitos, que grunhiam, impacientes pela comida. Achei original esta ideia de, hoje em dia, escavarem ainda a terra para utilizar buracos como abrigo.

No tempo em que o homem cobria o corpo com as peles das feras abatidas na luta a *coup-de-poing*, era isso usual. Mas, nos nossos dias, quis-me parecer anacronismo!

Que não, elucidou-me o Sr. Vasconcelos<sup>(59)</sup>, proprietário em Santa Cruz, a quem falei da minha surpresa. Era uso frequente. Não longe dali conhecera ele até uma taberna instalada numa furna escavada no saibro que dava abrigo «a mais de uma dúzia de bêbados», segundo a sua pitoresca expressão. E tudo isso era moderno, feito nos tempos de hoje<sup>(60)</sup> sem crâneos fósseis nem pontas de sílex a darem pergaminhos de pré-históricas a tais construções.

Curioso este povo daqui, no seu primitivismo inconsciente! Afinal, a inteligência humana obedece aos mesmos movimentos intuitivos, em todos os tempos e em todos os lugares da terra!

---

<sup>(59)</sup> O Sr. Manuel José Fernandes de Vasconcelos faleceu em idade avançada, a 23 de Fevereiro de 1936. Era um homem bom, de Santa Cruz da Trapa, com elevadas qualidades morais, e um espírito muito interessante e de certa cultura. Tive por ele uma sincera amizade.

<sup>(60)</sup> Todavia, as grutas dos tempos primitivos não são raras nesta região (Vide A. Girão, *Antiguidades de Lafões*, p. 16). De uma, importante, aqui perto, na Serra da Arada, próxima da freguesia de Carvalhais, tive notícia, mas não houve ocasião de visitá-la (Girão, *Idem*, p. 64).

#### XIV — FALSOS PETRÓGLIFOS

Quem, da Landeira, tomar o caminho que conduz ao alto chamado *Cabeça do Muro*, a que já me referi, encontra, logo à saída do povoado, um grande penedo com gravuras, que dão na vista a toda a gente.

Quando há dias ali passei, interessou-me naturalmente este achado, e logo tratei de efectuar a cópia, pelo desenho e fotografia, dos curiosos petróglifos, a que nem sequer faltava a pátina característica dos séculos!

Estava eu neste cuidado, quando me surge uma mulherzinha, de casa próxima, que me larga esta: «Isso foi tudo gravado pelo António Alves, (Fig. 31) um doidinho que para aí havia, e que tinha a mania de marcar os penedos. Por esse monte fora não faltam penedos marcados pelo Alves.» Caí das nuvens, está claro! E eu a pensar em gravuras pré-históricas, na Idade do Bronze, da Pedra, que sei eu! Boas razões tinha o Frankowski, quando escrevia: «Según mi parecer, el arte rupestre de la Península ibérica no ha cesado en su producción. En los mismos abrigos, al lado de la pintura prehistorica, se aglomeraban, y siguen aglomerándose obras de distintos tiempos. Si hoy mismo los pastores, com gran paciencia, graban los hierros de las ganaderías y otros signos, lo hacían también sus antepasados de todas las anteriores generaciones: anotando unos, se deberían anotar también los otros. Muchas de las pinturas, al parecer antiguas, pueden ser anadiduras posteriores, con diferencia de miles de anos, y su estilo, en muchos casos, no sirve para la apreciación de la época, porque sabemos bien que en el siglo xx algunos dibujan a la manera del hombre neolítico.»<sup>(61)</sup>

---

<sup>(61)</sup> E. Frankowski, *Estelas discoideas de la Pen. Iber.*, Madrid, 1920, p. 133.

Detalhe interessante: o Alves gravava aqueles sinais, segundo esclareceu a minha informadora, com uma pedra dura, aguçada como um pico. Vá lá, que o idiota conservava, pelo menos, a tradição dos instrumentos empregados pelo seu antepassado pré-histórico (62).

---

(62) Sobre o emprego de objectos líticos na actualidade vejam-se as considerações que Santos Rocha faz no seu artigo *Elementos para o estudo comparativo de alguns objectos recolhidos no castro de S. Miguel*, no «Arqueólogo Português», vol. I, p. 264



Fig. 31 — *Um petróglifo (dos nossos dias) gravado pelo António Alves.*

## XV — A DUREZA DO VIME

A freguesia de Valadares, vista da estrada que vai para S. João da Serra, parece ficar já no fundo do vale, mas de facto fica ainda a menos de meia encosta da ladeira íngreme, e, de lá ao Vouga, gasta-se uma boa meia hora de caminho.

Fui ontem passar a tarde a Valadares. Havia uma festazinha simpática na pequena Igreja paroquial, tão fresca, de cores tão suaves e harmoniosas, com suas lindas imagens de uma escultura ingénuo e primitiva. Almocei em casa do Sr. Vasconcelos, e que bem me soube a vitela assada no espeto!

O Sr. Vasconcelos, 73 anos rijos e salutares, é um amigo insinuante e afável. Tipo franco do beirão hospitaleiro, gosta que se sentem à sua mesa e lhe bebam do seu vinho. Homem observador, que viu mundo, tem uma conversa interessante e, a propósito de qualquer assunto, intercala a sua anedota, o seu dito, o seu comentário justo e experiente.

No eido fronteiro à sua pequenina vivenda rústica, avistei uma dorna, ostentando ainda arcos de madeira presos com enleias de vime. Há mais de 60 ou 70 anos, se não estou em erro, que o arco de ferro substituiu, nas vasilhas para vinho, o arco de madeira.

Chamando a atenção do Sr. Vasconcelos para aquela velharia, logo ele me fez a apologia das excelências do arco de castanheiro ou loureiro, atado com verga de vime. E duradoiro que era! Enquanto que o ferro, em poucos anos, enferruja, estala, rebenta. — «Mas o vime oferece a segurança precisa? pergunto-lhe eu. Não deixa desatar os arcos?» E o Sr. Vasconcelos, surpreendido da minha infinita ignorância de homem da cidade: «Seguro?! Seguríssimo e forte que é o vime! Eu lhe conto, a propósito: — Era de uma vez...».

E logo saltou de lá uma variante da fabulzinha, interessante e sem autor, que anda para aí, nos compêndios de primeiras letras:

«Era de uma vez o vinho, dentro de um tonel, que dizia assim, cheio de basófia. — Eu sempre sou muito forte, pois faço andar a cabeça dos homens aos tombos! Respondem-lhe logo as aduelas — Mais fortes somos nós, que te temos aí bem preso! Gritam os arcos de castanheiro, com arrogância, para as aduelas — Valentes nós, que vos temos amarradas a todas! Fala, por fim, o humilde vime que prende os arcos — Ah! que se eu me desato, sempre faço um espalhafato!»

Esta pequenina e conhecida historieta logo me fez meditar como seria seguro e forte o encabamento dos martelos e machados da Idade da Pedra, atados com fibras ou liames vegetais, da natureza deste!

Desde os velhos tempos da Roma Imperial que os vimes, juntos, unidos, constituem o *feixe (fascio)*, que representa o símbolo do poder, da união e da força, o qual pode aplicar-se indistintamente como emblema a todos os regimes autoritários, regidos por ditadores! Daqui a alcunha de *fascistas*, hoje dada aos adeptos do poder absolutista.

## XVI — UMA PIA MEGALÍTICA

No eido do Casal da Sobrosa, está, ali para um canto, abandonada como coisa inútil, sob um alpendre, e junto a um tanque de lavagens de roupa, uma pia megalítica muito curiosa. (Fig. 32)

Curiosa porque, pela forma rude como foi trabalhada, a tomaríamos naturalmente por multi-centenária, se a encontrássemos em qualquer desses montes, onde ainda aparecem vestígios do primitivo ocupante da região.

Por certo que é muito antiga, mas, como ninguém nesta casa me sabe dizer a origem dela, fico na dúvida se a teriam arrastado de qualquer lugar ou monte das vizinhanças, sem jámais lhe conhecerem o fabricante, ou se algum dos antepassados da Casa a teria mandado efectuar.

Foi talhada num grande bloco granítico, tem a forma oblonga, irregular, mais larga numa extremidade que na oposta, é de fundo côncavo, e apresenta a um dos lados dois furos. Mede na boca, de diâmetro longitudinal 1,30 m. e, na maior largura, 90 cm.

Para que serviu esta grande pia? Para conservar azeite, como ainda é de uso aqui na terra, em algumas casas antigas? Não creio. As pias de azeite que observei não apresentam este aspecto tosco e pobre; têm antes uma forma cilíndrica perfeita e regular, e são em geral de menores dimensões que esta. Na mesma Casa da Sobrosa existiam três para azeite, o que mais vem negar a necessidade de se haverem algum dia utilizado desta para tal fim.

Talvez servisse de bebedouro de animais, mas só de animais corpulentos, que não de porcos, pois estes mal lhe chegam ao bordo.

Enfim, há muitos anos que a pia está para ali, abandonada no eido e ninguém me soube dizer da sua história. Antiquíssima que seja, ou só antiga, sempre nos revela mais uma feição do trabalho deste povo, e o seu aspecto rude liga-nos, ao menos pelo pensamento, a um passado bem remoto... (63)

---

(63) Vide, a propósito, um estudo interessante de Bouza-Brey, sobre uma pia megalítica destinada a sacrificios rituais: *A Pia Megalítica de Mongás, e as prácticas adivinatorias da Galiza Antiga*, Separata do «Boletín de la Academia Gallega», La Coruna, 1931.



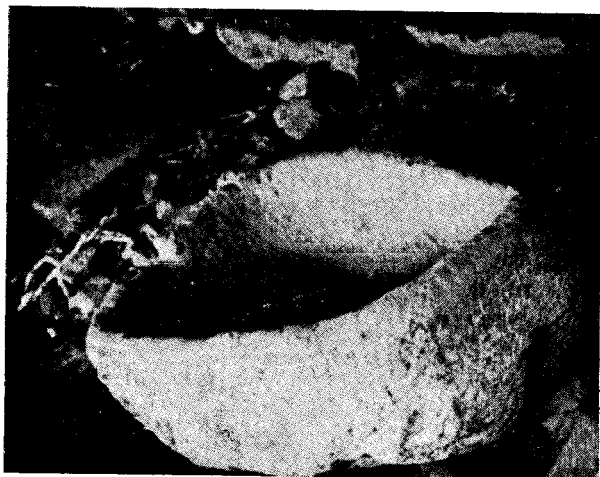


Fig. 32 — *Uma pia tsca, de pedra e de tamanho anormal.*